

**SUN TZU NA GUERRA DE CANUDOS:
DECISÕES SÁBIAS E EQUIVOCADAS NAS QUATRO EXPEDIÇÕES¹**

Marco Antonio Ferreira Pozam

Resumo: Analisando as decisões tomadas pelos oficiais do Exército Brasileiro participantes da Guerra de Canudos à luz das recomendações milenares de Sun Tzu em “A Arte da Guerra”, este artigo se propõe a evidenciar os aspectos militares do conflito, que contribuiu para as mudanças ocorridas no pensamento militar estratégico, tático e operacional dos líderes militares do Exército Brasileiro, no início do século XX.

Palavras-chave: Canudos. Guerra. Sun Tzu. Arte da Guerra. Aspectos Militares. Decisões. Exército Brasileiro.

1 INTRODUÇÃO

“A Arte da Guerra” é um tratado militar escrito há quase 3 mil anos pelo general chinês Sun Tzu embasado em sua experiência tática e operacional, na qual consolidou lições sobre estratégia que são aplicáveis a várias áreas de conhecimento. Desde então, e através dos séculos, estas lições vêm sendo utilizadas para orientar líderes, não se restringindo apenas, como se poderia supor, aos militares.

Isso explicaria o fato de a “ciência da arte da guerra” ainda nos dias atuais preservar as principais recomendações de Sun Tzu, sobretudo no tocante à figura do líder militar e suas principais qualidades: o segredo, a dissimulação, a astúcia e a surpresa, embora as táticas e os meios empregados na realização de uma guerra terem em muito se modificado.

Em “A Arte da Guerra”, Sun Tzu declara que para vencer uma guerra o líder militar deve evitar cinco defeitos básicos: a precipitação, a hesitação, a irascibilidade, a preocupação com as aparências e a excessiva complacência; deve, também, conhecer

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História Militar, sob orientação do Professor Armando Alexandre dos Santos.

perfeitamente o terreno, sua geografia e, mais ainda os homens, tanto aqueles sob seu comando, como aqueles sob o comando do inimigo.

Ao analisarmos as decisões tomadas durante a Guerra de Canudos à luz da obra de Sun Tzu, objeto de estudo deste artigo, surpreendentemente percebemos que os aspectos acima citados foram pouco ou nada explorados pelos líderes militares do Exército Brasileiro e, da mesma forma, também foi ignorado o que diz respeito à necessidade de avaliação das forças necessárias. Acerca deste último ponto, discorre Sun Tzu:

Na arte militar, e na do bom comando das tropas, há apenas duas espécies de forças. Suas combinações, entretanto, são ilimitadas. Ninguém pode abarcá-las. Essas forças interagem. Assemelham-se, na prática, a uma cadeia de operações interligadas, como anéis múltiplos, ou como uma roda em movimento, que não se sabe onde principia nem também onde termina. (SUN TZU, 2000, p. 52)

Assim, extraímos da lição de Sun Tzu que as forças necessárias podem ser definidas como a simples combinação das forças diretas – que conduzem as batalhas, fixando e distraindo o inimigo – com as forças indiretas utilizadas para consolidar os resultados, ao irromper no teatro de operações com ações onde não são esperadas.

As observações e recomendações de Sun Tzu são aplicáveis a todos os conflitos e, em muitos casos, norteiam a resolução de problemas porque se constituem de um conjunto de metáforas que permitem a análise das estratégias adotadas, bem como das decisões que conduziram às mesmas e suas consequências.

Apesar da existência de uma teoria complexa acerca do tema “tomada de decisões”, muitas vezes (conforme comumente se costuma dizer nas unidades de Infantaria) durante a guerra as decisões são tomadas “ao se ver o branco dos olhos do inimigo”. Tal fato é corroborado por pensadores modernos como Clausewitz:

A teoria das operações de vulto (estratégia, como é chamada) apresenta dificuldades extraordinárias, e é justo dizer que pouca gente tem ideias claras com relação aos detalhes - isto é, ideias que logicamente advenham de

necessidades básicas. A maioria dos homens age por instinto e a quantidade de êxito que obtém depende da quantidade de talento com que nasceram. (CLAUSEWITZ, 1984, p. 72).

Voltando ao nosso objeto de estudo, a Guerra de Canudos – que perdurou de 07 de novembro de 1896 a 05 de outubro de 1897 –, o presente artigo se propõe a apresentar uma sucinta análise do conflito com ênfase nos aspectos militares do combate e nas decisões tomadas por seus líderes militares, procurando mostrar como essas decisões podem ser consideradas sábias ou equivocadas quando analisadas à luz dos ensinamentos milenares do estrategista Sun Tzu.

Nesse ponto é importante frisar que, embora a maior parte das análises tenham sido realizadas com base na obra de Sun Tzu, não foi esta a única a que recorreremos, mas também a outros autores especialistas nos temas da Guerra, como Clausewitz.

A opção de trazer à tona os aspectos militares da Guerra de Canudos com base na obra de Sun Tzu se deu em razão dos trabalhos mais recentes (em sua grande maioria) tratarem somente das questões sociais do conflito e também por acreditarmos que os aspectos militares (dada sua relevância histórica) merecem ser explorados na mesma medida que os demais, pois em última instância se revelam no mínimo curiosos.

Por fim, cabe aqui observar que para um melhor entendimento da complexidade da Guerra de Canudos é imprescindível nos atermos ao fato de nesse conflito do final do século XIX termos duas forças diametralmente opostas, sendo de um lado uma força militar profissional e de outro lado pessoas comuns do interior do sertão baiano, simples moradores de Canudos.

2 SUN TZU NA GUERRA DE CANUDOS

O terreno influencia tanto as decisões relacionadas à estratégia quanto as táticas que devem ser empregadas no desdobramento das forças militares. A geografia é essencial para a tomada de decisão e emprego da força terrestre, sobretudo no que diz respeito à topografia do terreno, suas cobertas e abrigos, vias por terra e água, bem como sua possibilidade exploratória, conforme nos ensina Sun Tzu:

A superfície da Terra apresenta uma variedade infinita de lugares. Deves fugir de uns e buscar outros. Todavia, deves conhecer todos os terrenos com perfeição. [...]. Um inimigo bem preparado, contra o qual teu ataque fracassou na primeira investida, é perigoso. [...]. Adota, por princípio, que teu inimigo se empenha em obter vantagens com tanta premência quanto tu. Emprega toda sua argúcia para ludibriá-lo. Sobretudo, não o ataque diretamente. Lembra que há diversos modos de enganar e ser enganado. (SUN TZU, 2000, p. 101-112)

A área de Canudos se localiza ao norte de Salvador, no interior do sertão baiano, delimitada por cinco serras (Canabrava, Cocorobó, Calumbi, Cambaio e Acipã) e tendo ao centro um rio denominado Vaza Barris, sendo uma região árida, de vegetação típica de caatinga pobre e espinhenta, com predominância do clima seco, que frequentemente a deixa exposta a longos períodos de estiagem.

Aliado a este cenário, uma completa omissão do Estado no final do século XIX fornece a Antônio Conselheiro condições perfeitas para estabelecer nesse lugar uma comunidade composta por indivíduos esquecidos das autoridades que residiam nos grandes centros da república. Na apostila de História Militar II: período republicano, do curso de especialização em História Militar da Unisul, a ocupação da região de Canudos naquele período é assim descrita:

Na região, alguns povoados pequenos e decadentes, com casas rústicas de pau a pique e uma população na grande maioria miserável, ignorante e supersticiosa, vivendo em uma sociedade semifeudal dominada pelos coronéis, sob a influência de um messianismo rústico rural, sebastianista. (UNISUL, 2010, p. 65)

A 1ª Expedição – Tenente Manoel da Silva Pires Ferreira

A pequena comunidade de Canudos, constituída até então por indivíduos esquecidos da sociedade e do Estado, cresce vertiginosamente com a chegada de Antônio Conselheiro, tornando-se uma ameaça regional ao *status quo* econômico de coronéis e, conseqüentemente, também do próprio Estado:

A economia do arraial era baseada na produção e venda do couro de cabras, criadas a solta, pela caatinga. Canudos tornou-se, em curto prazo, um atrativo para sertanejos em busca de uma esperança, fugitivos da justiça, desertores e bandidos. Estima-se que tenha chegado a ter de 25 a 30 mil habitantes, moradores de cerca de 5.400 casas. Teriam chegado a mobilizar 5.000 homens em armas. (UNISUL, 2010, p. 66)

No ano de 1896, a ameaça ao Estado parece tornar-se evidente, quando 44 soldados da Força Policial da Bahia são mortos por Canudenses, na região de Masseté, após um desentendimento com comerciantes de madeira de Juazeiro, pois houve a compra e pagamento da madeira pelos moradores de Canudos, mas a recusa de entrega por parte dos comerciantes de Juazeiro.

Nesse momento, o juiz de direito de Juazeiro solicita apoio ao Presidente do Estado da Bahia, que por sua vez, requisita ao General Sólton Ribeiro – Comandante do 3º Distrito Militar – o envio de cem militares para a região.

O General Sólton Ribeiro, tendo sob seu comando o 9º Batalhão de Infantaria, baseado em Salvador, recebe também ordens diretas do General Dionísio Cerqueira para deslocar seu efetivo, momento em que é alertado pelo Coronel Tamarindo – Comandante do 9º Batalhão de Infantaria – que “Canudos seria uma bomba a explodir nas mãos do Exército. “ (UNISUL, 2010, p. 67).

Assim, de forma a dar cumprimento ao que lhe havia sido ordenado, o General Sólton Ribeiro determina que o Tenente Manoel da Silva Pires Ferreira se desloque para Juazeiro, levando consigo um efetivo de Infantaria composto por três oficiais e 104 praças, que seria posteriormente reforçado com um oficial médico, uma ambulância e sua guarnição, canastras de material e medicamentos.

Dando início à 1ª Expedição a Canudos, o Tenente Pires Ferreira conduz seu efetivo até Juazeiro por via férrea. O efetivo do Tenente Pires Ferreira, além de reduzido, mal armado, mal adestrado, mal trajado – com calçado e uniforme de expediente da unidade – em outras palavras, sem o equipamento adequado à operação a ser cumprida, era composto em sua maioria por homens de baixa instrução e sem preparo físico, e não bastassem todos esses problemas, ainda não dispunha de apoio logístico apropriado, o qual seria provido pelas autoridades locais.

As limitações logísticas e o despreparo dessa operação eram tantos que a tropa sequer possuía barracas. Pior ainda, nada havia sido definido quanto à missão a ser cumprida pelo Tenente Pires Ferreira, nem mesmo sobre os limites de atuação da tropa.

Uma vez em Juazeiro, aonde chegou em 7 de novembro de 1896, o Tenente Pires Ferreira é coagido pelas autoridades locais a atacar Canudos. Desse modo, embora ciente de suas limitações operacionais, segue até a pequena localidade de Uauá com o intuito de fazer um reconhecimento daquela região, porque além de não possuir informações detalhadas sobre o inimigo, seus homens ainda sofrem pela ausência de todo tipo de logística (água, alimentos e até mesmo munição).

Segundo podemos constatar a partir dos ensinamentos de Sun Tzu, ao ceder a esta coação das forças políticas de Juazeiro, o Tenente Pires Ferreira correu um risco que aparentemente não havia sido bem calculado, nem mitigado.

Se fores inferior, fica alerta. O menor erro pode ser fatal. Tenta colocar-te a salvo, e evita, se possível, entrar em choque com o adversário. A prudência e a firmeza de um punhado de pessoas podem conseguir extenuar e dominar mesmo um exército numeroso. Assim, és ao mesmo tempo capaz de te proteger e de obter uma vitória completa. (SUN TZU, 2000, p. 37)

O povoado de Uauá estava situado a oeste de Canudos, às margens do Rio Vaza Barris, a uma distância de marcha de aproximadamente 192 quilômetros.

Chegando em Uauá, em 19 de novembro de 1896, o Tenente Pires Ferreira encontra o povoado abandonado. Diante desta situação e do fato de não possuir barracas, percebendo ainda a exaustão de seus homens, o Tenente Pires Ferreira ordena à tropa que execute um bivaque, porém, sem antes organizar a segurança do local. Logo, cientes da presença da tropa do Exército em Uauá, os canudenses de Antônio Conselheiro começam a inquietar a tropa através de técnicas de guerrilha.

A situação progride para conflito quando a tropa é diretamente atacada pelos canudenses às cinco horas do dia 21 de novembro. Durante o confronto, os canudenses ocupam as casas vazias, na mesma medida também que a tropa do Exército, porém, com demora para formar e organizar uma defesa efetiva, fruto de seu baixo preparo e adestramento operacional.

No decorrer do conflito, um soldado do Exército é aprisionado e degolado pelos canudenses, fazendo com que o Tenente Pires Ferreira ordene que as casas ocupadas pelos canudenses sejam incendiadas, a fim de forçá-los para fora e ao combate aberto.

À essa ordem segue-se um violento combate, com quatro horas de duração, até que os canudenses decidem se retirar para Canudos, para sorte da tropa do Exército, que já se encontrava praticamente sem munição. Assim, graças à superioridade de armamentos, a tropa havia conseguido repelir o ataque ao proceder ao fuzilamento em massa e causar a morte de, aproximadamente, 150 canudenses.

Por fim, a tropa do Tenente Pires Ferreira permanece em Uauá por mais uma noite e inicia sua retirada para Juazeiro em 22 de novembro, mas contabilizando 10 mortos e 17 feridos em combate, no episódio do dia anterior. Embora em seu relatório o Tenente Pires Ferreira avalie ter sido atacado por cerca de três mil canudenses, fontes mais recentes estimam este número entre 500 e 1.100 homens.

A 2ª Expedição – Major Febrônio de Brito

O retorno do Tenente Pires Ferreira a Juazeiro traz grande preocupação, alarmando o Presidente do Estado e o Comandante do Distrito Militar.

Em novembro de 1896, o General Sólton Ribeiro decide pela imediata organização de uma segunda expedição a Canudos, ainda no ano de 1896, novamente sob a influência política do General Dionísio Cerqueira (interino como Ministro da Guerra) e ao ser pressionado também por Luiz Viana (Presidente do Estado da Bahia) para que apresente uma rápida solução para a situação, sem, no entanto, proverem os recursos necessários para tal empreitada.

Essa nova expedição contra Canudos é organizada sem que tenham sido aprendidas as devidas lições operacionais, principalmente as que se referem à logística e ao conhecimento da topografia do terreno, as quais deveriam ter sido obtidas a partir dos resultados da primeira expedição.

Desse modo, novamente, a liderança militar do Exército Brasileiro cedendo às pressões políticas regionais ignora a “ciência da arte da guerra” e relega a um segundo

plano as preparações necessárias para o combate que se vislumbra, como ressalta Sun Tzu:

Ciente de tuas capacidades e limitações, não inicies nenhuma empreitada que não possas levar a cabo. Decifra, com a mesma argúcia, o longe e o perto, para que o que se desenrola sob teus olhos seja idêntico ao que deles está mais recôndito. (SUN TZU, 2000, p. 24)

Com o intuito de mitigar a ausência de conhecimento sobre o terreno e os problemas logísticos, a tropa da 2ª Expedição é equipada com maior poder de fogo, recebendo o reforço de quatro metralhadoras Nordenfelt, dois canhões Krupp Cal 8, uma pequena guarnição e um pouco de munição.

Nesse cenário é organizada a 2ª Expedição a Canudos, sob comando do Major Febrônio de Brito, que inexplicavelmente receberia ordens diretas do Governador. Essa 2ª Expedição seria composta por membros do Exército Brasileiro, homens da Força Policial da Bahia e burocratas não preparados para o combate. Os reforços, em homens e munição, seriam supridos pelos Estados de Alagoas e Sergipe.

No dia 25 de novembro de 1896, a 2ª Expedição parte para a localidade de Queimadas, localizada ao sul da cidade de Monte Santo. Lá chegando, no dia 26, o Major Febrônio de Brito imediatamente informa ao General Sólton Ribeiro acerca de suas dificuldades, sendo a principal delas a ausência de informações sobre o inimigo.

Em 7 de dezembro, acreditando em boatos sobre Antônio Conselheiro e a capacidade operacional de seus canudenses em combate, o Major Febrônio de Brito telegrafa ao General Sólton Ribeiro informando que seria possível atacar Canudos desde que contasse com cerca de quinhentos homens armados. Feito isto, e inexplicavelmente, de súbito move seus homens para Monte Santo, já na direção de Canudos. Acerca deste fato, cabe aqui mais uma lição de Sun Tzu:

Conhece teu inimigo e conhece-te a ti mesmo; se tiveres cem combates a travar, cem vezes serás vitorioso. Se ignoras teu inimigo e conheces a ti mesmo, tuas chances de perder e de ganhar serão idênticas. Se ignoras ao mesmo tempo teu inimigo e a ti mesmo, só contarás teus combates por tuas derrotas. (SUN TZU, 2000, p. 41)

O Major Febrônio de Brito toma uma decisão precipitada e sem a anuência do General Sólton Ribeiro, que lhe ordena o imediato retorno para Queimadas, pois de seu ponto de vista haveria a necessidade de um maior contingente. Por outro lado, Luiz Viana, partilhando da mesma opinião que o Major Febrônio de Brito, acredita que cem homens adicionais seriam suficientes para a empreitada.

Desse desentendimento, no âmbito operacional, entre o General Sólton Ribeiro e Luiz Viana, seguem-se outros de cunho político – como por exemplo, acerca da definição do responsável pela manutenção da ordem pública no Estado – fazendo com que Viana opte por retirar da 2ª Expedição os cem homens da Força Policial da Bahia, ordenando que estes sigam sozinhos para Monte Santo sob o comando de um Capitão.

A esses impasses políticos seguem-se outros que culminam no afastamento do General Sólton Ribeiro do comando do 3º Distrito Militar, e na substituição pelo Coronel Saturnino Ribeiro da Costa Junior, que passa a atender aos desejos de Luiz Viana, descuidando-se, porém, dos aspectos militares relativos à preparação da operação, principalmente no tocante às informações.

Assim, contando com aproximadamente 550 homens na 2ª Expedição, o Major Febrônio de Brito parte de Monte Santo para Canudos, alcançando sem incidentes a região das Serras do Cambaio e Caipan. A partir desse ponto, em 16 de janeiro de 1897, entrincheira-se próximo à área externa de Canudos.

Em 18 de janeiro de 1897, a Infantaria se movimenta em direção a Canudos sob o apoio de fogo da Artilharia, equipada com os canhões Krupp. Após cinco horas de combate, sem conseguir conquistar terreno, o Major Febrônio opta pela divisão da Infantaria em duas colunas, dando início a um ataque direto às posições inimigas, seguido de combate à baioneta. Esta manobra, embora efetiva, tem quatro mortos e quinze feridos, levando as tropas da 2ª Expedição a acampar, ainda naquela noite, a apenas seis quilômetros de Canudos e deslocando os canudenses para uma segunda linha de defesa.

No dia 19 de janeiro de 1897, a infantaria inicia o deslocamento em direção a Canudos, sendo surpreendida com um violento ataque dos canudenses. Destarte uma certa

indecisão e pânico iniciais em razão de os canudenses estarem buscando tomar as peças de artilharia, segue-se uma enérgica reação em combate por parte das tropas do Exército.

Ao final daquele dia, e apesar do sucesso inicial, o Major Febrônio de Brito ordena a retirada das tropas sob seu comando, alegando não haver condições de se manter em combate dada a desproporcionalidade de contingente entre as tropas do Exército e os canudenses, e a exígua quantidade de água e alimentos, forçando seus homens a um penoso retorno de 104 quilômetros até Monte Santo.

A 3ª Expedição – Coronel Antônio Moreira César

A chegada da tropa do Exército em Monte Santo, novamente derrotada em Canudos, suscitou um “alarme” político e institucional ainda maior na capital da República no Rio de Janeiro.

A vitória dos conselheiristas contribuiu para que se formasse uma mística de invencibilidade em relação a Canudos. Muitos sertanejos para lá acorreram considerando a localidade inexpugnável e protegida por Deus. Na Capital Federal, autoridades militares passaram a acusar o governo de ser incapaz de sufocar o "levante monarquista". (FARIA, 2015, p.213)

Com a derrota da 2ª Expedição e o conseqüente aumento da pressão política, causado pela opinião pública, os reflexos negativos do insucesso das duas primeiras expedições são sentidos na Capital Federal.

Por conseguinte, o Exército Brasileiro e as autoridades locais na Bahia, sendo mais uma vez forçados a preparar apressadamente uma nova expedição, assim o fazem, novamente de forma desastrada, relegando a segundo plano, tal como nas expedições anteriores, fatores fundamentais como os relacionados à logística, às informações detalhadas sobre o inimigo e o terreno onde a tropa iria atuar.

Dessa forma, o comando da 3ª Expedição é definido diretamente pelo Presidente em exercício (Manoel Vitorino) e atribuído ao Coronel de Infantaria Antônio Moreira César, tendo como subcomandante, o Coronel Pedro Nunes Batista Ferreira Tamarindo, oriundo do 9º Batalhão de Infantaria localizado em Salvador.

O Coronel Moreira César, militar experiente em combate, tendo desempenhado um importante papel na recente Revolução Federalista (1893 – 1895) como Governador Militar de Santa Catarina, e devido a seu histórico neste conflito, era tido como um homem frio e calculista. Em Santa Catarina, o Coronel Moreira César ficou conhecido como um militar “(...) temperamental, ambicioso, decidido, valente e polêmico. Seu desempenho durante a Revolução Federalista, na ilha do Desterro, até hoje é motivo de críticas em função das prisões e fuzilamentos havidos. Era também um homem doente.” (UNISUL, 2010, p. 74).

Dado o conturbado cenário político no qual as influências políticas atrapalhavam o planejamento e a forma de execução das operações militares no Sertão da Bahia, o Coronel Moreira César parecia ter o perfil ideal para a missão. Logo, a 3ª Expedição é instituída como “uma brigada, com o efetivo de 1.330 homens, dos 7º, 9º e 16º Batalhões de Infantaria, mais uma bateria de canhões Krupp L24 (4 peças), um esquadrão de cavalaria e elementos da Polícia Militar baiana.” (UNISUL, 2010, p. 75).

O Coronel Moreira César chega a Salvador em 8 de fevereiro e parte no dia seguinte para Queimadas, ao sul de Monte Santo, a fim de se reunir com as tropas em preparativo. Tal qual seus antecessores, não se preocupa com as informações disponíveis (em especial, os relatórios das duas primeiras expedições), porém, logo se apercebe dos problemas relativos ao apoio logístico, uma vez que depende dos já escassos recursos que eram compartilhados com a população do local.

No dia 17 de fevereiro de 1897, a 3ª Expedição segue para Monte Santo, lá chegando somente após cinco dias, em razão do ataque epilético sofrido pelo Coronel Moreira César durante o deslocamento. Superado esse imprevisto, a expedição parte em direção Leste, até Cumbe, desta vez, desviando-se dos locais onde o Major Febrônio de Brito havia sido surpreendido por emboscadas durante a 2ª Expedição.

Nesse ínterim, embora o Coronel Moreira César tenha sido novamente acometido de ataque epilético, como os Oficiais de seu Estado Maior não lhe fazem nenhuma recomendação, a 3ª Expedição prossegue em sentido Norte, avançando até a localidade de Rancho do Vigário, já na Serra do Aracary, lá chegando no dia 2 de março.

A tropa permanece em sentido Norte chegando até a região de Pitombas, onde pela primeira vez encontra resistência dos canudenses. Na oportunidade, o “7º. Batalhão, que seguia na vanguarda, entrou em posição, recebeu o apoio de artilharia batendo os pontos principais da posição inimiga e desencadeou um ataque à baioneta, desalojando os Canudenses de suas trincheiras. A marcha prosseguiu para o Angico.” (UNISUL, 2010, p. 76).

Ao alcançar Angico, o Coronel Moreira César decide de rompante e sem nenhum descanso para a tropa: “vamos almoçar em Canudos” (UNISUL, 2010, p. 76). Sun Tzu, ao discorrer acerca da “Arte das Mudanças”, atenta para a necessidade de se precaver contra o que ele chama de cinco defeitos, aparentemente inócuos, mas que colocam em perigo toda a estratégia, citando o entusiasmo como primeiro deles:

O primeiro é o entusiasmo excessivo em afrontar a morte, atitude temerária que se honra como o nome de “coragem”, “intrepidez” e “valor”, mas, no fundo, só merece o de “covardia”. Um General que se expõe sem necessidade, como se fosse simples soldado, que parece buscar os perigos da morte, que combate e manda combater até o limite, é um homem que merece morrer. É um homem precipitado, incapaz de encontrar recursos para safar-se de um mau momento. É um covarde, incapaz de sofrer o menor revés sem se frustrar, acreditando que tudo está perdido, se não sair exatamente como planejara. (SUN TZU, 2000, p. 84)

Poderia ser esse um prenúncio do que aconteceria com a 3ª Expedição? Aparentemente sim. Assim, a tropa parte para o ataque ainda na tarde do dia 3 de março, ficando decidido que o 7º e o 16º Batalhões de Infantaria assumiriam o flanco esquerdo, enquanto o 9º Batalhão de Infantaria mais o efetivo da Força Policial da Bahia ficariam com o flanco direito, e a Cavalaria cobriria a estrada de acesso.

A Artilharia fez a assunção da zona de fogos por duas horas, preparando o terreno para o avanço da Infantaria. A Infantaria desencadeou então um ataque à baioneta contra os canudenses entrincheirados em Canudos. Embora efetivo no início, o ataque vai perdendo impulso à medida em que ressurgem os problemas logísticos, os quais ocasionam a falta de munição, tal como ocorrera nas duas primeiras expedições.

Em seguida, aproximadamente cinco horas após o início do combate, o Coronel Moreira César é ferido no ventre no momento em que se preparava para ir à frente de

batalha incentivar a tropa. Tão logo é atendido pelos médicos, que constatam tratar-se de ferimento mortal, o comando da 3ª Expedição é passado ao Coronel Tamarindo.

O Coronel Tamarindo, porém, não consegue de forma efetiva assumir o comando e controle da tropa que se encontrava desdobrada em campo. Conseqüentemente, às 19 horas do mesmo dia 3 de março ordena a retirada para a Fazenda Velha, de onde, reunido com seu Estado Maior, decide pela retirada completa para Monte Santo, porém com a manutenção da artilharia em posição de combate para dar cobertura à evacuação dos feridos e da tropa ainda operacional.

Mesmo sendo contra essa retirada e insistindo em novo ataque, o Coronel Moreira César falece aos 46 anos, na madrugada do dia 4. Às seis horas do mesmo dia inicia-se a retirada da tropa. Porém, por volta das oito horas, a mesma é subitamente atacada pelos canudenses, que perseguem e matam tantos militares quanto lhes é possível. Desse modo, praticamente toda a tropa de Artilharia é morta junto aos canhões, enquanto a Infantaria e a Cavalaria recuam desordenadamente em direção à Cumbe e Monte Santo, abandonando armas, feridos e até vestes. Novamente é preciso lembrar o que nos orienta Sun Tzu.

Mergulha o adversário em inextricáveis provações e prolonga seu esgotamento, mantendo-te à distância. (SUN TZU, 2000, p. 25)

No final, nessa desastrosa retirada morrem o Coronel Tamarindo, o Capitão José Agostinho Salomão da Rocha (comandante da Artilharia) e muitos soldados feridos e retardatários que não conseguiram fugir rapidamente.

A 4ª Expedição – General Artur Oscar de Andrade Guimarães

A retirada da 3ª Expedição pode ser considerada um dos maiores desastres de que se tem notícia na história do Exército Brasileiro, posto que não bastassem a derrota e a debandada, a tropa ainda fora forçada a percorrer cerca de 200 quilômetros entre Canudos e Monte Santo, sob pressão do terror de novos ataques por parte dos canudenses.

Em abril de 1897, a notícia de mais uma derrota das tropas federais repercutiu intensamente no Rio de Janeiro. A terceira derrota fomentou manifestações, as quais clamavam por providências para a destruição de Canudos. Estas manifestações culminaram na destruição de três redações de jornais, todos de tendências monarquistas, pois é importante lembrar que ainda se vivia no Brasil os primeiros anos da República e havia grande preocupação com movimentos que poderiam ser entendidos também como uma afronta à nova forma de organização do Estado Brasileiro.

Nesse clima de tensão, ainda no mês de abril é organizada a 4ª Expedição preparada pelo então Ministro da Guerra, Marechal Carlos Machado de Bittencourt, e sob o comando do General Artur Oscar de Andrade Guimarães. Essa expedição era composta de duas colunas, comandadas pelos Generais João da Silva Barbosa e Cláudio do Amaral Savaget, cada uma delas contando com mais de quatro mil soldados equipados com as mais modernas armas da época.

Tão logo fora iniciada a 4ª Expedição, as forças militares convergiram de todo o Brasil para os Estados da Bahia e Sergipe, tendo como pontos de concentração das tropas, nesses Estados, as localidades de Queimadas e Aracaju, respectivamente. Também, a localidade de Monte Santo, no interior da Bahia e próxima de Canudos, passou a receber homens para a 4ª Expedição.

Com a chegada a Monte Santo dos principais oficiais e do Comandante-em-Chefe são anunciadas as ordens para o ataque contra Canudos, com a divisão das tropas em duas colunas, ficando decidido que sairiam de locais diferentes: Queimadas e Aracaju. Porém, dessa vez não se repetiriam os erros das expedições anteriores.

Assim, antes de seguir até Canudos, Queimadas é transformada em campo de instrução, visto que além da necessidade de instruir – em razão do efetivo ser mal treinado – havia também a necessidade de organizar o apoio logístico, vestir e municiar os soldados pois, para piorar a situação, os efetivos das unidades se encontravam desfalcados, com muitos armamentos deteriorados e equipamentos incompletos.

Resolvidos os problemas mais básicos das unidades, forma-se a primeira coluna com os efetivos da 1ª, da 2ª e da 3ª Brigadas, sob comando do General João da Silva Barbosa, e a segunda coluna é formada pela 4ª, pela 5ª e pela 6ª Brigada, estas

comandadas pelo General Cláudio do Amaral Savaget. Assim definidas, as duas colunas iniciam a marcha rumo a Canudos, a partir de Monte Santo, progredindo a primeira coluna a partir do Sul, e a segunda coluna, a partir do Leste, vinda de Aracaju.

Embora a fraca resistência encontrada durante o avanço da primeira coluna não impedisse a marcha das tropas, o deslocamento da força como um todo apresentava problemas relacionados ao fracionamento das unidades e à logística do comboio de munição de Infantaria e de Artilharia, que constantemente se distanciava na retaguarda e, por vezes, se perdia.

Enquanto as duas colunas organizavam suas forças para manter o avanço contra Canudos, do lado dos canudenses os armamentos obtidos com a derrota da 3^a expedição auxiliavam nas defesas que estes poderiam criar. Deste modo, os canudenses buscaram criar formações defensivas nas estradas e pontos onde pudessem haver avanços de colunas, principalmente da segunda, que vinha do Leste.

A segunda coluna, comandada pelo General Savaget, havia partido de Aracaju em 22 de maio de 1897 e seguia o rio Vaza Barris, sob a observação direta do inimigo. Esta coluna transportava pouco suprimento e não levava comboio em sua retaguarda, para dar maior velocidade em seu deslocamento. A coluna fazia seus reabastecimentos ao longo do caminho, sendo os alimentos para as tropas e as forragens para os animais obtidos através do estabelecimento de contrato de provimentos.

Enquanto isso as tropas da primeira coluna, vindas do Sul e comandadas pelo General Silva Barbosa, chegam ao Rancho do Vigário no dia 24 de maio de 1897, já sofrendo a falta de víveres e munição, devido ao atraso do comboio de suprimento levado pelo 5^o. Corpo de Polícia da Bahia, que se encontrava sob ataque dos canudenses.

Quando se encontra a aproximadamente 18 quilômetros de distância de Canudos, a primeira coluna se depara com a resistência de canudenses, dando início ao primeiro combate, um combate rápido que dura cerca de uma hora, contabilizando poucas baixas do lado de Canudos e, do lado do Exército Brasileiro, um morto e dois feridos. Após o combate, a tropa da primeira coluna retoma seu deslocamento, passando então pela localidade de Pitombas, local do massacre da 3^a. expedição, onde os canudenses haviam deixado a céu aberto os corpos dos mortos daquela luta.

A progressão da primeira coluna continua até alcançar o alto da Favela, área mais externa de Canudos, onde recebe seu pior ataque até o momento. Os canudenses, novamente demonstrando conhecimento empírico de como explorar o terreno e utilizar-se do efeito surpresa, entrincheiram-se próximos a primeira coluna e fazendo com que, logo após o pernoite no alto da Favela, a primeira coluna entre em combate já no início da manhã.

Nesse momento, verifica-se mais um erro operacional, quando o comandante de uma das brigadas (Coronel Flores) investe em carga direta contra as defesas de Canudos expondo a tropa a fogo constante. Essa tentativa de assalto, que se mostra totalmente imprudente tanto pela situação do momento quanto pela forma de execução, uma típica ação de estratégia direta já utilizada sem sucesso em expedições anteriores, faz com que seja atingido e venha a óbito na ocasião.

Ao final do dia e com a resistência dos canudenses entrincheirados, o esgotamento dos projéteis de artilharia e a infantaria dependendo do recolhimento de munições dos soldados mortos, e vendo-se diante de iminente risco de um novo desastre, não resta outra opção para os oficiais da primeira coluna que não seja solicitar ajuda à segunda coluna, que nesse momento se preparava para atacar Canudos.

A segunda coluna que chegara aos arredores de Canudos no dia 27 de junho de 1897, inicia no dia seguinte sua preparação para o ataque final a Canudos. Entretanto, aproximadamente às oito horas da manhã, quando a divisão de Savaget se encontra a postos para o ataque, o General recebe a notícia do pedido de auxílio da primeira coluna. Nesse momento o ataque contra Canudos é abortado, partindo a segunda coluna em socorro à primeira.

Graças ao auxílio da divisão de Savaget, não se dá o total desastre para a primeira coluna e o completo colapso da expedição. Assim, os planos de assalto são abandonados, as duas colunas reunidas e a 5ª Brigada enviada pelo comando da expedição para acudir o destacamento do 5º Corpo de Polícia da Bahia, de modo a recuperar parte do comboio de suprimentos que a essa altura dos acontecimentos já havia sido tomada, em parte, pelos canudenses.

Quão lamentável é arriscar tudo em um único combate, negligenciando a estratégia vitoriosa, e fazer com que o destino de tuas armas dependa de uma única batalha! (SUN TZU, 2000, p. 25)

As tropas sob comando do general Artur Oscar acabam por ficar acampadas no alto da Favela e, novamente, as dificuldades logísticas e os problemas decorrentes das mesmas impedem o avanço contra Canudos. Além disso, a decisão de permanecer no alto da Favela e iniciar o sítio ao local, possibilita aos canudenses pressionar ininterruptamente os soldados que sustentam o cerco, causando inquietação no acampamento de dia e de noite, e com frequência ferindo alguém.

Segundo Sun Tzu, a tática de provocar ações do inimigo que o levem à exaustão, seja por meio do corte de suprimento, seja por manobras de ação indireta, força o inimigo a se desgastar para responder a pequenas ações isoladas, ou até mesmo, lutar por alimentos ou água:

Assim, se o inimigo está descansado, podes cansá-lo; se está bem alimentado, podes torná-lo faminto; se está em descanso, podes movê-lo. Avança para as posições às quais ele precise correr. Corre para onde ele não espera. (SUN TZU, 2000, p. 82)

A situação só melhora em 13 de julho de 1897, com a chegada do comboio com alimentos que embora escassos (suficientes para dois ou três dias), ainda assim eram suficientes para dar novo ânimo a tropa. Com esse reforço de alimentos e munição, a força sob comando de Artur Oscar prepara uma nova ofensiva para o dia 18 de julho, partindo da Favela, mas que resulta em novo fracasso.

O fracasso do ataque de 18 de julho mais uma vez desencadeia dramáticos problemas logísticos e a necessidade de envio de reforços para completar as baixas nas unidades. Acerca deste assunto, preconizara Sun Tzu:

Encontrando-te em um campo de morte, busca o combate. Chamo de lugar de morte esses ermos onde não há nenhum recurso, onde se definha inelutavelmente pela insalubridade do ar, onde as provisões minguam sem esperança de serem repostas; onde as doenças começam a grassar no exército, prenunciando grandes flagelas. Se te encontrares em tais circunstâncias, precipita-te em deflagrar o combate. Asseguro-te que tuas tropas se mostrarão

intrépidas no combate. Morrer pela mão do inimigo lhes parecerá suave em comparação com todos os males que as atormentam. (SUN TZU, 2000, p. 78-79)

A ampliação e disponibilidade dos efetivos disponíveis, resulta numa nova ofensiva, em 7 de setembro, seguida de outra em 11 de setembro, na qual as tropas expedicionárias tomam o morro vizinho à Fazenda Velha e cortam a comunicação dos canudenses por aquela posição.

Passados alguns dias, no dia 24 de setembro o cerco é completado com a tomada do terreno que levava à estrada para Uauá e o conflito prossegue com o sítio avançando em direção ao interior da localidade e quebrando a resistência dos canudenses, com ataques constantes.

No dia 2 de outubro, após intenso fogo de artilharia no dia anterior, as forças expedicionárias avançam para o interior de Canudos, e ainda que empreendendo forte ataque de infantaria contra os canudenses, as tropas do Exército Brasileiro são repelidas com intensidade. Esse violento confronto se estende ainda por mais dois dias, com ataques intensos às defesas de Canudos, promovendo um cenário de destruição total, e deixando milhares de corpos em decomposição a céu aberto.

Por fim, no dia 5 de outubro de 1897 Canudos tem seu derradeiro fim decretado, quando os comandantes das forças expedicionárias são informados da morte de seus últimos defensores.

3 CONCLUSÕES

A Guerra de Canudos desempenhou um importante papel nas mudanças ocorridas no pensamento militar estratégico, tático e operacional dos líderes militares do Exército Brasileiro, no final do século XIX.

Naquele período, o conflito ganhou notoriedade e mobilizou a sociedade, fazendo aumentar o clamor popular pelo fim de Canudos após o fracasso da terceira expedição, pois com o apelo da imprensa, o governo foi forçado a mobilizar aproximadamente doze mil soldados oriundos de dezessete estados brasileiros, para terminar com um conflito interno que já se estendia por quase dois anos. A partir desse momento, a Guerra de

Canudos assumiu em sua última expedição, as feições de uma “guerra absoluta”, uma guerra onde se buscava a derrota completa e a destruição de Canudos.

Desde o início do conflito, constatou-se que o poderio militar foi sendo ampliado e melhorado a cada expedição, tanto em termos de efetivo quanto de material bélico. Importante aqui ressaltar, que o aumento do efetivo e da quantidade de equipamentos das forças expedicionárias no Sertão da Bahia demandou apoio logístico fornecido por bases de operações situadas nas localidades de Queimadas e Monte Santo, assim como o estabelecimento de linhas de comunicação (por meio de telégrafo) e de transporte (por meio ferroviário), algo até então inédito no Exército Brasileiro.

Em contrapartida a esse incremento do poderio militar, a liderança dos canudenses ao que tudo indica praticava de forma empírica os conhecimentos de Sun Tzu, fazendo uso constante dos recursos da dissimulação:

Toda campanha militar repousa na dissimulação. Finge desordem. Jamais deixes de oferecer um engodo ao inimigo, para ludibriá-lo. Simula inferioridade para encorajar sua arrogância. Atiça sua raiva para melhor mergulhá-lo na confusão. Sua cobiça o arremeterá contra ti e, então, ele se estilhaçará. (SUN TZU, 2000, p. 25)

Assim, embora as forças expedicionárias dispusessem de um poderio militar muito superior ao dos canudenses, estes, utilizando-se de táticas de guerrilha e dissimulação, conseguiram resistir às ofensivas do Governo Federal, sendo Canudos transformada em cinzas, pelos ataques incendiários, somente ao final do conflito. Cabe frisar que a destruição de Canudos se deu não somente sob o ponto de vista material, mas também humano, visto que culminou num confronto que resultou na morte de mais de 25.000 pessoas.

Desse modo, por tudo que foi exposto até o momento podemos concluir, que embora o poderio militar seja fundamental, o fator estratégia não deve jamais ser relegado a um segundo plano. Como nos ensina Sun Tzu, a Estratégia Militar é de suma importância para a preservação constitucional de uma Nação:

A guerra tem importância crucial para o Estado. É o reino da vida e da morte. Dela depende a conservação ou a ruína do império. Quem nos reflete seriamente sobre o assunto evidencia uma indiferença condenável pela conservação ou pela perda do que mais se preza. Isso não deve ocorrer entre nós. (SUN TZU, 2000, p. 20)

A Guerra de Canudos foi diretamente responsável pelas transformações ocorridas no Exército, no início do século XX, principalmente no que se referem às Estratégias Diretas no estilo europeu, que se mostraram ineficientes e ineficazes num conflito com as peculiaridades do interior do Brasil.

REFERÊNCIAS

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da guerra**. 1984. Tradução da Escola de Guerra Naval do Brasil, CMG (RRm) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. Disponível em: <<https://www.egn.mar.mil.br/arquivos/cepe/DAGUERRA.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

FARIA, Durland Puppim. **Introdução à História Militar Brasileira**. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2015. Disponível em: <http://www.cporpa.eb.mil.br/images/2016/int/hist_mil/UDIV/Apostila_Historia_Militar_Brasileira_Cap_6.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2017.

FGV CPDOC. **Infográfico dos efetivos e baixas das expedições contra Canudos**. Disponível em <<http://atlas.fgv.br/marcos/anos-de-incerteza/mapas/efetivos-e-baixas-das-expedicoes-contracanudos>>. Acesso em 28 jun. 2017.

GOMES FILHO, Gregorio Ferreira. **Sombras da historiografia brasileira: Marreca e o regimento militar do Pará em Canudos**. Universidade Federal de Roraima. Artigo apresentado na IV Semana de História da Universidade Federal de Roraima, de 09 a 11 de outubro de 2007. Disponível em: <<http://revista.ufr.br/examapaku/article/view/1458>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

MCCANN, Frank D. **Soldados da pátria: História do Exército Brasileiro 1889-1937**. 1 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2009. 706 p.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **A guerra total de Canudos**. 3a. Edição, São Paulo: Escrituras Editora, 2014.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. Tradução do Chinês para o Francês pelo Padre Amiot em 1772, e para o Português por CASSAL, Sueli Barros. 1a. Edição. Porto Alegre: L&PM Editores, 2000.

UNISUL, Livro didático. **História Militar Brasileira II: período republicano**. Palhoça-SC: UnisulVirtual, 2010.